



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
CAMPUS DO SERTÃO**

JAILMA XAVIER DA SILVA

DISLEXIA: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

**DELMIRO GOUVEIA – AL
2021**

JAILMA XAVIER DA SILVA

DISLEXIA: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Noélia Rodrigues dos Santos.

DELMIRO GOUVEIA – AL
2021

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586d Silva, Jailma Xavier da

Dislexia: reflexões sobre o papel da família e da escola / Jailma Xavier da Silva. – 2021.

52 f. : il.

Orientação: Noélia Rodrigues dos Santos.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Educação especial. 2. Dislexia. 3. Dificuldade de aprendizagem. 4. Leitura e escrita. 5. Família. 6. Professor. I. Santos, Noélia Rodrigues. II. Título.

CDU: 37.064

JAILMA XAVIER DA SILVA

DISLEXIA: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Noélia Rodrigues dos Santos.

Aprovada em 28 / 05 / 2021

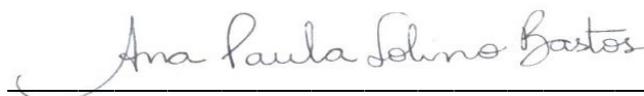
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Profa Msc. Noélia Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Alagoas – UFAL



Prof. Dr. Heder Cleber de Castro
Rangel Universidade Federal de Alagoas – UFAL



Profa. Dra. Ana Paula Solino Bastos
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Dedico este trabalho a minha mãe e aos meus filhos que sempre me apoiaram e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que fez com que eu conseguisse alcançar meus objetivos durante todos esses anos de estudo.

A minha mãe e meus filhos que me incentivaram nos momentos mais difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu estava me dedicando aos estudos.

A minha orientadora, professora Noélia Rodrigues, que sem a orientação, as correções e sem ajuda, não teria conseguido, pois é uma pessoa que admiro e me espelho como profissional.

As minhas amigas Edna e Maria Cícera, que conheci na faculdade que me ajudaram e me incentivaram a nunca desistir.

A minha equipe de trabalhos acadêmicos, Carina, Mariana Nathalia e Renata que sempre me ajudaram em cada trabalho e em cada apresentação. Pois sem vocês nunca teria chegado até aqui.

Não importa que uma criança aprenda devagar.
O que importa é que a encorajamos a nunca desistir

Robert John Meehan

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise teórica sobre a dislexia. Conhecer a dislexia a partir da apresentação de seus sintomas, características, diagnóstico e tratamento, refletindo sobre suas implicações no contexto escolar e familiar. Justifico o presente estudo pelo fato de ser uma disléxica e ter sofrido na minha alfabetização com a falta de informação sobre esse déficit e em sala de aula pelo professor. A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem, caracterizada pela dificuldade em aprender leitura e escrita. A dislexia tem várias características e sintomas que prejudicam o desempenho escolar do aluno e infelizmente ainda não tem cura, porém, tem tratamento. O diagnóstico correto é feito por profissionais das áreas de Psicologia, Neuropsicologia, Fonoaudiologia e Psicopedagogia. E o tratamento também requer a intervenção de profissionais de várias áreas. No contexto escolar, destacamos o papel do professor, pois é com ele que a criança conta em seu processo de construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades para a sua aprendizagem. Nesse processo, os professores precisam do apoio da família e da escola, é importante que todos estejam juntos e engajados para o sucesso do aluno disléxico. É visível o problema na alfabetização, na decodificação e na compressão, de forma que essas crianças precisam de métodos multissensoriais para desenvolver bem essas habilidades e o processo de construção e conhecimento. A presente pesquisa foi de metodologia bibliográfica e contou com autores de amplo e profundo conhecimento sobre o tema proposto.

Palavras chaves: Dislexia. Dificuldades de aprendizagem. Leitura. Escrita.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ABD	Associação Brasileira de Dislexia
AND	Associação Nacional de Dislexia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DSM 5	Manual Diagnostico e Estatísticos de Transtornos Mentais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LDBEN	Lei Diretrizes de Bases da Educação Nacional

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Sintomas da dislexia.....	17
Quadro 2- Erros comuns na dislexia.....	17
Quadro 3- Profissionais e função no tratamento.....	20
Quadro 4 - Atitudes dos familiares para com os disléxicos.....	23
Quadro 5- Termos positivos.....	24
Quadro 6 - Atitudes dos professores para com os disléxicos.....	28
Quadro 7- Estratégias para inclusão dos disléxicos em sala de aula.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Jogo da forca temático.....	43
Figura 2 - Produção de plaquinhas com identificação de sentimentos.....	44
Figura 3 - Caça-palavras silábicos com materiais recicláveis.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONHECENDO A DISLEXIA	13
2.1. As tipologias da dislexia	14
2.2. Sintomas e Características	16
2.3. Diagnósticos.....	18
2.4. Tratamento.....	20
3 COMPREENDENDO O ESTUDANTE COM DISLEXIA	22
3.1. A Família	22
3.2. O papel do professor.....	26
3.3. A escola	30
4 DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA.....	35
4.1. Alfabetização do disléxico	35
4.2. Leitura e escrita do aluno disléxico	38
4.3. Compreensão da Leitura do aluno disléxico	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6 REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma análise teórica sobre a dislexia. No contexto escolar, é comum que os sintomas dessa dificuldade de aprendizagem sejam confundidos com falta de atenção, desinteresse, falta de capricho, preguiça, entre outros. O diagnóstico correto vai fazer com que o professor dedique atenção diferenciada a esse aluno, favorecendo para que seja um mediador, pesquisador e agente causador da igualdade dentro da sala de aula.

É de grande importância compreender que a dislexia não se dá por ocasião de uma má alfabetização ou desinteresse do aluno. Por isso, é substancial conhecer e entender as causas, os tipos e as características desse transtorno, de forma que o educador possa trabalhar a partir de um diagnóstico dado por uma ou mais especialistas e assim encontrar soluções para esse educando.

Muitos professores, pais ou responsáveis, infelizmente, ainda não têm um entendimento a respeito da dislexia e de seus sintomas. Portanto, muitas crianças sofrem os mais variados tipos de preconceitos e até mesmo violência por conta de sua dificuldade em aprender. A falta de conhecimento sobre a dislexia é um fator muito preocupante, é imprescindível que se abram caminhos para que as pessoas que não conhecem possam perceber e interpretar como se manifesta essa dificuldade de aprendizagem.

Destacamos que quando o professor percebe os sintomas tem que falar com os pais do aluno e com um psicopedagogo para realmente diagnosticar que se trata de um aluno disléxico. Com o diagnóstico correto, o professor tem que começar um processo de inclusão, de maneira que o aluno não se sinta diferente no âmbito escolar.

A socialização desse aluno é importante, para tanto, um profissional capacitado é fundamental na educação desse aluno. Educar também é investigar, observar, prestar atenção para não acusar e tirar conclusões precipitadas quanto esse aluno em sala de aula.

Se o professor não tiver preparo e não prestar atenção nos sintomas, essas dificuldades pode levar o aluno a apresentar problemas emocionais como depressão, ansiedade, baixa autoestima entre outros, normalmente em razão da comparação do seu rendimento escolar com o dos seus colegas, o que pode

ocasionar a falta de motivação para os estudos e, conseqüentemente, o fracasso escolar.

Dizer que a dislexia não tem cura não significa desprezar a capacidade e inteligência da criança, mas sim afirmar que um indivíduo disléxico precisará de um atendimento diferenciado. Nunca é tarde para alfabetizar uma criança e ensiná-la a ler e escrever. Uma criança disléxica precisa de muito mais apoio e paciência para suas dificuldades.

De acordo com essas considerações, este trabalho tem como objetivo conhecer a dislexia a partir da apresentação de seus sintomas, características, diagnóstico e tratamento, refletindo sobre suas implicações no contexto escolar e familiar.

O presente trabalho está dividido em quatro sessões. A primeira corresponde a introdução. A segunda, visa conhecer a dislexia a partir da apresentação de seus sintomas, características, diagnóstico e tratamento. Já terceira sessão, busca refletir sobre as implicações da dislexia no contexto escolar e familiar, apresentando métodos para melhor desempenho dos disléxicos nesse meio. Na quarta sessão, é abordada a visão da aprendizagem, da alfabetização dos alunos disléxicos buscando compreender como o processo de alfabetização e o ensino de leitura e escrita.

Ser disléxico não impede ninguém de progredir profissionalmente e é isso que as pessoas precisam entender. É muito importante que o aluno seja motivado com mensagens positivas, por cada conquista em seu aprendizado. Cada vitória precisa ser comemorada e assim o aluno vai se sentir mais confiante.

2 CONHECENDO A DISLEXIA

Quando ouvimos a palavra dislexia pensamos nos problemas que só envolvem a escrita e a leitura, associados às trocas de letras ou palavras. Porém, a dislexia também se caracteriza pelo comprometimento visual, auditivo e da memória.

Antes de continuarmos tratando acerca do conceito de dislexia, recorreremos à etimologia da palavra e suas classificações e conseqüentemente termos a noção básica do que vem a ser dislexia. Segundo Hudson (2019, p. 27) “*dis* significa distúrbio; dificuldade, *lexia* significa leitura (do latim) e linguagem (do grego), originando a palavra *dislexia*, significando assim, distúrbio da linguagem”.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD) adotou a definição da International Dyslexia Association e conceitua a dislexia como:

Um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (ABD, 2016 on-line).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5) define a dislexia da seguinte forma:

Dislexia é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizado por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e dificuldades de ortografia. (DSM 5, 2014, p. 67).

Hudson (2019) acrescenta que a dislexia é um problema que afeta aproximadamente 10% da população e está relacionado com leitura, escrita e ortografia, sem implicações para a inteligência global. É comum que as pessoas com dislexia desenvolvam estratégias para enfrentar e contornar suas dificuldades.

O autor continua explicando que o indivíduo nasce com essa condição, que não ocorre como resultado de uma doença ou acidente. Tal condição não pode ser curada, mas com estratégias de enfrentamento pode ser compreendida.

Na ótica de Capellini (2004 apud MARADEI; MAIA; SEABRA, 2020, p.50) a dislexia

É uma decorrência da interrupção ou má formação das conexões cerebrais responsáveis pela ligação do lobo frontal com o parietal e occipital (ou zonas anteriores com zonas mais posteriores do córtex cerebral) que ocasiona um distúrbio específico de déficits nas capacidades fonológicas e de leitura.

Diante desse conceito entende-se que a dislexia acaba por exigir um jeito diferente de aprender, individualizado, partindo da ideia de que toda criança tem uma forma de ser e de aprender. Obviamente que isso não é só uma característica do dislético. Oliveira (2020, p. 18) acrescenta que

As pessoas disléxicas possuem o lado direito do cérebro mais ativo e desenvolvido, e a parte frontal é obrigada a trabalhar mais. Pode causar mau funcionamento do cérebro; atraso no amadurecimento do sistema nervoso central; falha na comunicação entre os neurônios, dificultando as funções de coordenação. Perturbações no parto ou no início da vida podem indicar o transtorno

A leitura e a escrita exigem das crianças novas habilidades, que antes não faziam parte de sua vida cotidiana, são novos desafios e a criança não está acostumada. Por isso, aprender a ler e escrever são tarefas que inicialmente se mostram difíceis para todos e não apenas para as crianças que têm dificuldades na leitura e na escrita, que é o caso dos disléxicos. Quanto a quem possui dislexia, Oliveira (2020, p. 17) explica que:

O dislético terá mais dificuldade de fazer uma relação fonema-grafema, ou seja, de associar o som da palavra com sua forma escrita. Isso acontece, pois, sua rota fonológica não acessa todos os componentes que um cérebro não dislético acessa. Como resultado, a leitura e escrita pode ser um grande desafio para o aluno com dislexia, que muitas vezes precisará de intervenções que o ajudem a criar estratégias para este aprendizado.

Toda criança precisa de apoio e paciência para aprender e a pessoa com dislexia precisa de muito mais apoio e paciência frente as suas dificuldades. A criança com *déficit* precisa também compreender que não está sozinha e que poderá ter o apoio necessário para sua aprendizagem.

2.1 As tipologias da dislexia

Existem diferentes tipos de dislexia e cada um se desenvolve de maneira específica, tendo como base os diagnósticos. Para Smith e Strick (2007, p. 36)

As crianças com dificuldades de aprendizagem, entretanto, sofrem de uma combinação infeliz: não apenas suas fraquezas são mais pronunciadas que o normal, mas elas também estão naquelas áreas que mais tendem interferir na aquisição de habilidades básicas em leitura, matemática ou escrita.

De acordo com Oliveira, Zutião e Mahl (2020, p.11), há três tipos de dislexia: visual, auditiva e mista. A do tipo visual tem como característica principal a dificuldade na percepção e identificação em razão dos déficits nas magnocélulas visuais. Dessa forma, a atuação pedagógica com disléxicos visuais exige o emprego de recursos auditivos, evitar os excessos de informações nas imagens, analisar os contrastes, verificar maior espaçamento entre linhas, observar a posição do estudante na sala em relação à fonte de luz, além de questioná-lo acerca de suas necessidades.

A dislexia auditiva, por sua vez, tem como característica principal a dificuldade em relacionar o som (fonema) com o símbolo (grafema), tendo como causa possível um déficit no processamento fonológico ou no processamento auditivo central. As estratégias pedagógicas junto a esses estudantes requerem o uso de recursos visuais, evitando a utilização de palavras que não são do dia a dia da criança, inserir aos poucos novos vocabulários, analisar a propagação do som na sala e a posição do estudante nela, e indaga-lo acerca de suas necessidades com propósito de atendê-las.

No caso da dislexia mista, está reúne ao mesmo tempo características do tipo visual e do tipo auditivo, de modo que o trabalho pedagógico deve se apoiar em recursos visuais em determinados momentos e em recursos auditivos em outros.

Compreendem-se que muitas causas de alterações de linguagem e dificuldade de aprendizagem podem ser variadas, mesmo existindo muitos estudos sobre os fatores indicando os problemas. Portanto, os avanços desses processos podem ajudar no desenvolvimento dessas crianças, melhorando sua linguagem e sua aprendizagem, assim contribuindo para melhor diagnóstico e tratamento adequado de cada disléxico. Para que essa evolução do tratamento aconteça, a criança dislexia precisa estar muito bem aparata psicologicamente.

Identifica-se que um bom trabalho pedagógico é aquele em que um professor alfabetizador que conheça as fases do processo de leitura e escrita, respeite o ritmo da criança e lhe dê condições de aprendizado e desenvolva o seu trabalho numa

pedagogia centrada na criança, além de utilizar as atividades que trabalhem os cinco sentidos do aluno disléxico.

2.2 Sintomas e Características

A dislexia é um *déficit* de percepção visual e auditiva, em que ocorrem erros de leitura devido à má visualização das palavras escritas. Também existem erros devido à carência de processamento dos sons, o que acaba acarretando problema na fala. Dessa forma, a dislexia se caracteriza pela troca de letras, tanto na linguagem escrita quando falada.

Massi e Santana (2011 apud SIGOR, 2014, p. 974) explicam que

Embora existam estudos que considerem déficits de processamento visual e auditivo como causa explicativa para a dislexia, o modelo do déficit fonológico é o mais aceito atualmente pela corrente organicista/dominante.

De acordo com Silva e Crenitte (2014, p. 464)

A dificuldade central da dislexia relaciona-se com o processamento fonológico no que se refere à habilidade de consciência fonológica, a memória de trabalho fonológica e nomeação verbal rápida que resulta em alterações na linguagem escrita. A consciência fonológica é uma habilidade de processamento explícito, que se refere à capacidade de reflexão sobre os sons das palavras e de manipulá-los. Tal habilidade prediz o desempenho de leitura e escrita.

Entende-se, portanto, que a dislexia é causada por uma alteração de processamento fonológico das palavras escritas e faladas, isso mostra uma insuficiência no processo fonológico, ocasionado em dificuldade de decodificar palavras. Oliveira (2020, p.18) completa que:

A Dislexia não é igual para todos, ela tem impactos diferentes. A dislexia possui sintomas variados que diferem de acordo com os níveis de gravidade, e ficam mais claros durante a alfabetização. O primeiro indício do distúrbio é a dificuldade em conectar a palavra escrita ao som da fala

A seguir apresentamos os sintomas mais comuns em estudantes disléxicos segundo a Associação Brasileira de Dislexia. É preciso considerar que estes podem ter maior ou menor comprometimento e grau de dificuldade.

Quadro 1- Sintomas da Dislexia

Pré – Escola	Fase – Escolar
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dispersão; ✓ Fraco desenvolvimento da atenção; ✓ Atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem ✓ Dificuldade de aprender rimas e canções; ✓ Fraco desenvolvimento da coordenação motora; ✓ Dificuldade com quebra-cabeças; ✓ Falta de interesse por livros impressos. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita; ✓ Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); ✓ Desatenção e dispersão; ✓ Dificuldade em copiar de livros e da lousa; ✓ Dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.); ✓ Desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences; ✓ Confusão para nomear entre esquerda e direita; ✓ Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.; ✓ Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas;

Fonte: Associação Brasileira de Dislexia

Portanto, quanto mais amplo for contexto de análise e observação da dislexia, melhor poderemos entender suas causas e assim contribuir para o diagnóstico e um atendimento pedagógico mais eficaz.

Quanta à dificuldade de leitura e escrita que os alunos podem demonstrar, Hudson (2019) esclarece como ocorrem as trocas e omissões de letras, além de outras manifestações.

Quadro 2- Erros comuns na dislexia

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ortografia incongruente da mesma palavra, muitas vezes dentro de um mesmo escrito. ✓ Dificuldade com a fonologia (ouvir os sons nas palavras). Pode não escutar sílabas de palavras. Por exemplos “complemente” em vez de “completamente. ✓ Pode confundir consoantes por exemplo g e q ou d e b. ✓ Inversões de letras ortográfica semelhantes, por exemplos escrever “parto” em vez de “prato”. Isso também pode ocorrer ao escrever números, o que causa dificuldade em matemática. ✓ Pode se sair bem em teste ortográficos de palavras predeterminadas, mas a ortografia “desanda” ao redigir um ditado, pois a concentração está no conteúdo e não na

ortografia.

- ✓ Pode aprender a grafia de uma palavra num dia e esquecer no outro.
- ✓ Nomes de pessoas e lugares muitas vezes são escritos errado e variam.

Fonte: HUDSON (2019, p.29).

Hudson (2019) acrescenta que os disléxicos são desorganizados e esquece as instruções ou orientações, o seu senso de orientação é tão ruim que se perde facilmente, confunde esquerda com a direita e vice-versa, podem ler errado quadros de horários e instruções e tem dificuldade em ler as horas, fica distraído e esquece do tempo.

Observamos como a dislexia é complexa, de forma que se não tivermos uma visão aprofundada desse déficit muitos disléxicos vão ter seus sintomas e características confundidas com falta de atenção, desinteresse, falta de capricho, preguiça e entre outros.

2.3 Diagnósticos

Quanto ao diagnóstico da dislexia Maradei, Maia e Seabra (2020, p.50) explicam que:

O diagnóstico da dislexia pode se dar em fases distintas da aprendizagem, a partir da manifestação e da persistência, do que se pode entender em um primeiro momento, de algumas dificuldades que acabam por atrapalhar a vida escolar do sujeito, de modo progressivo. Podem ser observadas algumas características em estágios precoces do desenvolvimento da criança, como no prolongamento da dificuldade fonológica. Observa-se então uma fala atrapalhada, que tão logo pode-se seguir do não reconhecimento das letras e palavras gerando, conseqüentemente, desorganização no processamento para a escrita.

Compreende-se, portanto, que a dislexia é diagnosticada quando a criança começa a aprender a ler e a escrever. Entretanto, os sinais e sintomas do disléxico já estão presentes no dia a dia. Neste caso, a criança demora um pouco mais para começar a falar, tem dificuldade de sequenciar sílabas dentro da palavra e ao começar a fase escolar a criança disléxica tem dificuldade para identificar as letras.

De acordo com a ABD o diagnóstico da dislexia é feito por uma equipe multidisciplinar, em geral composta por profissionais das áreas de Psicologia, Neuropsicologia, Fonoaudiologia e Psicopedagogia. A equipe multidisciplinar é

solicitada quando há a necessidade de um laudo para auxiliar educadores, terapeutas e pais de pessoas com Dislexia e outros transtornos de aprendizagem.

Outras limitações específicas que também podem ajudar os profissionais nos diagnósticos. O DSM 5 (2014) classifica a dislexia como um transtorno específico da aprendizagem e prevê que o diagnóstico requer a identificação de ao menos um dos seguintes sintomas:

1. Leitura de palavras de forma imprecisa ou lenta e com esforço (p. ex., lê palavras isolada sem voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente adivinha palavras, tem dificuldade de soletrá-las).
2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido (p. ex., pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido).
3. Dificuldades para ortografar (ou escrever ortograficamente) (p. ex., pode adicionar, omitir ou substituir vogais e consoantes).
4. Dificuldades com a expressão escrita (p. ex., comete múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprega organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza). (DSM 5, 2014, p. 66).

A dislexia não é, portanto, só um distúrbio, é um fenômeno complexo e bem contraditório. Um mundo diferente e interessante, constituído por indivíduos igualmente interessantes, que convivem diariamente em um universo de coisas tão fáceis as quais podem dominar ligeiramente, e com outras bastantes complicadas para eles, como ler e escrever. Eles, porém, vivenciam momentos de realizações, mas ao mesmo tempo, vivem amedrontados pela sensação de fracasso. Afinal, a dislexia é uma dificuldade e não uma impossibilidade para tantas outras coisas que não a leitura e a escrita.

Nesse sentido, o DSM 5 (2014) explica que indivíduos com transtorno específicos de aprendizagem demonstram níveis normais de inteligência, sendo comum escore de QI superior à média. Porém,

A expressão “insucesso acadêmico inesperado” é frequentemente citada como a característica definidora do transtorno específico da aprendizagem, no sentido de que as incapacidades de aprendizagem específicas não são parte de uma dificuldade de aprendizagem mais genérica, como a que ocorre na deficiência intelectual ou no atraso global do desenvolvimento. O transtorno específico da aprendizagem pode, ainda, ocorrer em indivíduos identificados como intelectualmente “talentosos” (DSM 5, 2014, p. 69).

Com base no que foi exposto, se o educador souber das necessidades e das dificuldades do aluno, conseguirá formas de escolher medidas que promovam a aprendizagem e a participação do aluno em várias atividades da escola. O disléxico

é um sujeito que pode desenvolver suas habilidades não só na escola, mas fora dela também, mostrando que pode progredir intelectualmente em qualquer lugar.

2.4 Tratamento

Sabe-se que com o tratamento certo as pessoas com dislexia podem alcançar bons resultados. Como explicamos, o diagnóstico é feito por uma equipe multiprofissional, e estes especialistas fazem suas intervenções. Assim, são elaboradas estratégias que estimulam o aprendizado da leitura e da escrita, cada estratégia é adaptada a uma pessoa, isto é, as necessidades de cada um.

No quadro a seguir apresentamos os profissionais e suas respectivas funções em relação ao atendimento.

Quadro 3 – Profissionais e função no tratamento

Profissional	Atribuição
PSICOPEDAGOGO	Investigar os problemas existentes no processo do aprendizado. Seu trabalho visa atender, tratar e orientar o aluno e sua família, assim como a Escola e seus Professores, esclarecendo sobre os obstáculos que interferem diariamente na vida do educando.
PSICÓLOGO	Dentre seus focos de trabalho destacam-se a psicoterapia infantil e com adolescentes, também de adultos e acompanhamento familiar.
NEUROPSICÓLOGO	Tem um papel fundamental na compreensão do funcionamento cerebral e das suas respectivas alterações. Estuda a relação entre a atividade nervosa superior e o comportamento, a cognição, as emoções, a motivação e a vida em relação. A intervenção neuropsicológica consiste em avaliar e reabilitar/estimular as funções cognitivas (memória, atenção, linguagem oral e escrita, cálculo, capacidades visuo-espaciais, planejamento e ação, destreza manual, raciocínio, etc.).
FONOAUDIÓLOGO	Intervirá nas queixas de atraso no desenvolvimento da fala (linguagem oral). Também é necessário acompanhar as habilidades de leitura, escrita e de adaptação escolar. Quanto mais precoce, intensiva e especializada for a intervenção, melhores serão os resultados.

Fonte: Associação Brasileira de Dislexia

A ABD nos chama atenção que:

Independentemente de quais forem as diversidades ou dificuldades nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, a intervenção terapêutica sempre se faz necessária. Intervenções pontuais voltadas às particularidades de cada caso objetivam auxiliar na superação e adaptação de limitações e dificuldades, visando impulsionar o pleno desenvolvimento. [...]. Para crianças, adolescentes e adultos com desempenho atípico ou atrasado, a intervenção correta também ajudará no fortalecimento da autoestima e autoconfiança (ABD, 2016, on-line).

Uns dos tratamentos de suma importância para o disléxico é o tratamento auditivo, com ajuda do fonoaudiólogo o disléxico aprende a associar os sons da fala, dos fonemas e das letras.

A fonoaudiologia auditiva que tem como objetivo melhorar compreensão da fala, principalmente em que a presença do ruído de fundo pode atrapalhar, como na escola ou locais de convívio social, como festas e shoppings[...]a fim de que o indivíduo possa adquirir consciência dos processos fonológicos envolvidos na produção da linguagem oral e compreender o que lhe é falado, favorecendo assim o aprendizado pelo canal auditivo.[...] Com isso possibilitamos uma melhor atenção, compreensão auditiva e uma audição mais eficaz. Após o tratamento, as habilidades auditivas tendem a melhorar. Isso contribuirá com a melhora no desempenho escolar das crianças e dos jovens, possibilitando também uma melhora na autoestima e na qualidade de vida. (ABD, 2016, on-line).

Compreendemos, portanto, que além dos outros profissionais o fonoaudiólogo deve conhecer as dificuldades apresentadas pela criança com dislexia no seu processo de diagnóstico, com o objetivo de orientar os professores para o tratamento adequado a essa criança, visando estratégias para o seu desenvolvimento, e assim possibilitando melhorar as suas habilidades e funções da linguagem.

3 COMPREENDENDO O ESTUDANTE COM DISLEXIA

A família e a escola possuem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem da criança disléxica, por meio do reconhecimento e aceitação dos diagnósticos, ajudando a criança a entender e compreender o que realmente está acontecendo com ela e como superar esses desafios que chegam de forma assustadora. Portanto, é importante que a família e a escola trabalhem juntas para que seja proporcionada uma educação adequada, uma educação dinamizada e bastante proveitosa para essa criança.

3.1 A Família

Normalmente os pais querem sempre o bem dos seus filhos, querem protegê-los de violência que possam sofrer na escola. Se cuidar e educar uma criança já é complicado, imagine cuidar de um filho com distúrbio. Pode acontecer dos pais proteger seu filho de forma tão excessiva que acaba atrapalhando seu desenvolvimento, pois querem evitar sofrimento dessa criança. Os pais têm que mostrar uma forma dessa criança se proteger desse mundo, promovendo sua autonomia e confiança.

Os pais têm que entender que para seu filho a dislexia é uma luta constante, que pode levar a problemas sociais, emocionais e comportamentais. É ideal que os pais aprendam a lidar com a perturbação da aprendizagem específica, uma vez que afeta o cotidiano do seu filho. Smith e Strick (2007, p.216) citam:

As dificuldades de aprendizagem são problemas fisiológicos que podem ocorrer em qualquer tipo de família. Elas não são um reflexo de seu estilo de vida, de sua inteligência, de suas habilidades como pai e mãe, ou de valor como ser humano.

Aprender como lidar com a dislexia requer muita compreensão e paciência por parte dos pais ou responsáveis. A criança precisa se sentir motivada, estimulada a querer aprender, mesmo diante das dificuldades enfrentadas no seu dia a dia. Sempre que possível, é necessário fazer elogios e lembrar a criança sobre os progressos que alcançou através do seu próprio esforço.

Quanto ao apoio da família Smith e Strick (2007, p, 212) fazem a seguinte consideração:

O bom senso e os instintos parentais são as melhores qualificações para que os pais ajudem os seus filhos a chegarem a uma maturidade saudável e feliz. Lembre-se que as crianças com dificuldade de aprendizagem são, em primeiro lugar, crianças. Elas precisam daquilo de que todas as crianças precisam: amor, compreensão, aceitação, responsabilidade e disciplina. O mais importante é não deixar que as deficiências da criança interfiram na capacidade da família para oferecer essas coisas efetivamente.

A seguir Oliveira (2020) citam algumas atitudes que podem facilitar a interação dos pais com seus filhos disléxicos:

Quadro 4 - Atitudes dos familiares para com os disléxicos

Aos familiares
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Em primeiro lugar informe-se. A informação vai ajudar a entender o disléxico e suas dificuldades. ✓ Acolha o disléxico. Entenda que se trata de um distúrbio e que pouco controle ele tem sobre esta diferença. ✓ Aceite a diferença. Não tente encobrir, supervalorizar ou desvalorizar esta dificuldade. Ela existe ali, atrapalhada sim, merece atenção, mas não é o fim do mundo. A intervenção a ser feita. ✓ Estimule o disléxico a ir em frente, a enfrentar as dificuldades, a pedir ajuda se for necessária, a encarar o mundo. ✓ Acredite que o disléxico tem habilidades e potencial para exercer uma profissão, ter um lar, uma família, pois é uma pessoa como todos nós (com habilidades e dificuldades). Acredite e faça com que ele também acredite. ✓ Tenha paciência. Há momentos em que ele parece desistir, não acredita em si mesmo e nesses momentos devemos ter paciência e mostrar aquilo de bom que ele tem ou apenas o ouça. ✓ Auxilie para que a intervenção recomendada seja realizada, como acompanhamento fonoaudiológico, psicopedagógico ou terapia psicológica. ✓ Dê tempo. O disléxico apresenta uma lentificação no processamento de informações. Se ele tiver o tempo de que necessita vai conseguir processar adequadamente.

Fonte: OLIVEIRA (2020, p.34)

É de suma importância que os pais ajudem na preservação da autoestima dos seus filhos, pois com todas essas dificuldades estes podem se sentir incapaz de conseguir superar, e isso pode afetar sua confiança, deixando-os, por exemplo, com vergonha de ir para escola, de entrar na sala de aula ou de conversar com seus amigos.

Associação Nacional de Dislexia, em tratar com os membros da família, explica que:

O Dislético tem uma história de fracassos e cobranças que o fazem sentir-se incapaz. Motivá-lo, exigirá de nós mais esforço e disponibilidade do que dispensamos aos demais; não receie que seu apoio ou atenção vá acomodar o aluno ou fazê-lo sentir-se menos responsável. Depois de tantos insucessos e autoestima rebaixada, ele tende a demorar mais a reagir para acreditar nele mesmo.

Portanto, as crianças precisam de palavras positivas, palavras que as incentivem a continuar se superando. A criança dislexia normalmente tem autoestima baixa, mostra-se triste e insegura, isso acontece por caso do insucesso e pelos fracassos em superar as suas dificuldades.

Smith e Strick (2007) incentivam os pais a terem um vocabulário mais positivo com seus filhos, pois palavras negativas, desagradáveis podem magoar as crianças, mesmo que não cheguem a ser ditas em voz altas. Da mesma forma que as palavras positivas influenciam para que as crianças se sintam fortes e capazes, as palavras negativas também as influenciam a se sentirem inferiores e incapazes.

Assim, os autores sugerem que os pais mudem as palavras em relação aos filhos, de forma a ter uma visão mais positiva sobre eles. Assim, é preciso selecionar novas palavras. A seguir temos um exemplo de termos positivos.

Quadro 5–Termos positivos

Ao invés de dizer que a criança...	Tente dizer que ela...
é uma selvagem	tem energia
é exigente	tem altos padrões
é teimosa	é teimosa é persistente
é ansiosa	é ansiosa é cautelosa
é “enjoada”	é seletiva
é explosiva	é ativa
é barulhenta	é barulhenta é entusiasmada, cheia de ânimo
é agressiva	é assertiva

Fonte: Smith e Strick(2007, p. 216).

Para os pais, complementam Smith e Strick (2007, p, 216) “quanto mais rótulos negativos você puder substituir por rótulos neutros ou positivos, mais fácil

será para você apreciar o espírito ea individualidade de seu filho” . Ainda na visão dos autores, “as atitudes dos pais em relações às capacidades dos filhos têm um efeito poderoso sobre como suas crianças veem a si mesmas. Aquelas que se veem como essencialmente capaz e responsáveis em geral pais também as veem assim” (SMITH; STRICK, 2007, p.215).

É importante, que exista um trabalho simultâneo e apoio psicológico entre a comunidade escolar e família para que se atinjam os objetivos da aprendizagem e façam o sujeito disléxico crescer socialmente, superando todas as dificuldades encontradas. Só assim estes poderão ter uma educação digna e sem preconceitos e com isso evitará possíveis evasão escolar e/ou exclusão social. É com a união dos pais, do professor e da escola que a criança aprenderá que o ensino ministrado lhe dará condições para a vida, fora e dentro da escola. Os pais terão sempre que reforçar tudo que foi ministrado em sala de aula. Nessa perspectiva, de acordo com Smith e Strick (2007, p. 123) afirmam que: “as escolas nas quais tais questões são resolvidas com sucesso quase que certamente serão aquelas nas quais os pais se envolveram ativamente, solicitando mudanças e trabalhando para que estas ocorressem”.

É importante que a criança com dislexia seja ouvida, dizer como se sente, falar se aquele método ou estratégia está ajudando no seu aprendizado, para se evitar maiores prejuízo e frustrações. Portanto, é preciso acreditar que essa criança é capaz. Assim, cabe a consideração de Smith e Strick (2007) de que todos têm um estilo preferido de aprendizagem.

A dislexia é uma dificuldade e não uma impossibilidade, a escola e a família tem que procurar orientação para se estabelecer as melhores formas de aprendizagem para que o aluno se sinta seguro e à vontade com os métodos e estratégias adaptadas a ele. Smith e Strick (2007, p. 139) complementam que:

A aprendizagem de habilidades sociais adequadas também pode ser recompensada por uma melhor aceitação dos estudantes com dificuldades de aprendizagem pelos colegas um elemento importante (mas com frequência, ignorado) de sobrevivência na sala de aula.

Entende-se que a família precisa seguir apoiando seu filho, os pais têm que ajudar de uma forma positiva, mostrar que confiam nele, que eles estão ali para orientá-lo, incentivá-lo da melhor forma possível. Os pais têm um papel valioso pois

à medida que for surgindo dificuldade a criança tem que saber que os pais estão ali ajudando a resolver e celebrando com ela cada conquista.

3.2 O papel do professor

Os professores são essenciais para a realização do processo de aprendizagem da criança com dislexia; o papel dos professores é orientar, ajudar e dar suporte necessários. É importante que os educadores planejem as atividades para promover os desenvolvimentos desta criança, de uma forma em que ela consiga dominar as suas dificuldades, e assim se alfabetizar e letrar. Os professores, na verdade, são grandes aliados para a alfabetização e letramento dos disléxicos; eles precisam dispor de diferentes ferramentas para que o aluno com dislexia aprenda.

Segundo Hudson (2019) o professor tem que ajudar o aluno sendo solidário e otimista e deixar que o aluno com dislexia saiba que o professor compreende as suas dificuldades. O educador pode elogiar o aluno falando que ele é inteligente e que espera que ele alcance os mesmos objetivos que os demais, mostrar para o aluno que o entende que ele leva mais tempo que os outros colegas da sala de aula para as atividades escolares. O autor fala direto ao professor:

Que para os alunos com dislexia leva mais tempo para interpretar perguntas escritas e respostas. Não espere que em um tempo definido para escrever eles obtenham o mesmo rendimento que os demais: eles provavelmente se beneficiarão de um tempo extra em testes e exames. Trabalhe com os alunos conceder métodos de aprendizagem bem-sucedidos. Mantendo-se animado e esteja disposto a testes novas abordagens. Uma atitude amigável e sensor de humor farão enorme diferença (HUDSON, 2019, p, 34).

Hudson (2019, p.44) descreve algumas atitudes que o professor pode tomar em sala de aula para que esse aluno não seja prejudicado pelo seu déficit.

Dê notas sobre o conteúdo não pela ortografia.
Evite riscar cada erro de ortografia. A versão correta pode ser escrita na margem ou embaixo.
Não corrija todos os erros de linguagem e pontuação. Decida o que é importante em cada trabalho.
Escreva na parte inferior quaisquer palavras importantes que foram escritas incorretamente para que possam ser incluídas em glossário e aprendidas.

Tente escrever um comentário positivo e construtivo como “muito bom, gostei especialmente de sua descrição vivida”.
 Teça outros comentários construtivos e otimista. “Da próxima vez pense em...”.
 Evite caneta vermelha.

O professor pode procurar métodos para aprendizagem do aluno, modificando a organização da sala de aula, usando palavras clara e diretas, usando recursos visuais, entre outros. O professor tem que usar a sua criatividade para que esse aluno consiga superar suas dificuldades em sala de aula, assim o aluno pode mostrar do que capaz e que sua dificuldade com a linguagem não o impeça de mostrar seu potencial. De acordo com ABD:

Transformar a sala de aula em uma “oficina”, preparada para exercitar o raciocínio, isto é, onde os alunos possam aprender a ser objetivos, a mostrar liderança, resolver conflitos de opinião, a chegar a um denominador comum e obter uma ação construtiva. Sob este prisma, a interação com o aluno disléxico torna-se facilitada, pois, apesar do distúrbio de linguagem, este aluno apresenta potencial intelectual e cognitivo preservado; desta maneira estará sendo estimulado e respeitado, além de se favorecer um melhor desempenho (ABD. 2016, on-line).

O professor com elogios, com métodos e estratégias que facilitem a interação do aluno disléxico pode ajudá-lo a enfrentar seus desafios e dificuldades em sala de aula. Fazendo com que esse aluno se sinta capaz de alcança seus objetivos tanto dentro como fora da sala de aula. O professor pode realizar algumas ações no sentido de promover o desenvolvimento dessa criança, por exemplos: usar materiais didáticos estimulantes e brincadeiras lúdicas, estimular o respeito dos alunos para que as crianças que enfrentam distúrbios não sejam maltratadas. Oliveira (2020, p 31) complementa:

Trabalhar a autoestima do aluno mostrando que ele também é capaz, de outra forma e em outro ritmo, é uma área que deve ser planejada, refletida e sistematizada para que o aluno consiga ter uma nova autoimagem e dar se uma chance de aprender de forma desligada de experiências anteriores com um ensino não apropriado a suas necessidades.

Hudson (2016, p.43) citam algumas estratégias que os professores podem planejar para que os alunos façam na sala de aula.

Façam uma série de desenhos ou histórias em quadrinhos para ilustrar trabalhos;
 Façam anotações comentando uma imagem que você forneceu;
 Criem música/ poema/ rap/ propaganda;

Planejem um debate sobre uma questão;
 Inventem um jogo, caça-palavras, palavras cruzadas (sugiro que você verifique primeiro se as grafias estão corretas nesse caso!);
 Preparem uma breve apresentação teatral;
 Gravem uma breve peça-vocal ou monólogo;
 Filmem um curta-metragem;
 Façam uma maquete.

Por sua vez, Oliveira (2020) dar exemplos de algumas atitudes, por parte dos professores, que podem facilitar a interação.

Quadro 6 - Atitudes dos professores para com os disléxicos

Aos professores
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Possibilite o uso de calculadoras e fórmulas. O disléxico tem dificuldade para decorar, porém tem o raciocínio preservado. Além desta questão existe a da lentificação do processamento de informações e o uso da calculadora e da fórmula vai agilizar a execução do exercício e da prova ✓ Possibilite o uso do gravador em sala de aula. ✓ Conceda mais tempo para a realização da prova. ✓ Se necessário leia o enunciado para o aluno, para que agilize a compreensão do que está sendo solicitado. ✓ Caso a resposta da prova esteja confusa peça para que o aluno explique o que quis dizer e verá que oralmente a resposta será mais completa. ✓ Tenha como alternativa a prova oral. ✓ Possibilite trabalhos práticos onde o aluno poderá executar aquilo que aprendeu. ✓ Use linguagem direta, objetiva e clara. ✓ Utilize recursos audiovisuais para a exposição da matéria. Os disléxicos têm, em geral, boa percepção visual e compreensão auditiva. ✓ O aluno ao expor sua dúvida pode parecer confuso. Deixe-o à vontade e tente esclarecer o que de fato não foi compreendido. Desta forma, ele voltará a perguntar e terá maior participação em sala de aula.

Fonte: OLIVEIRA (2020, p.34).

É importante enfatizar que a dislexia é um distúrbio neurológico que não pode ser ignorado, pois um sujeito com dislexia não deixará de ser disléxico, mas o apoio, estímulo e compreensão por parte do professor e colegas de sala irão motivá-lo a se auto conhecer e até mesmo aprender a conviver e superar este transtorno de

maneira positiva. Na visão de Smith e Strick (2007, p. 48)“ com um apoio apropriado, os estudantes com deficiências de processamento da linguagem podem ter sucesso escolar”. E acrescentam:

O apoio com educação especial é essencial. Muitas crianças com deficiências de processamento da linguagem não conseguem aprender a ler e a escrever pelos métodos convencionais; para dominarem tais habilidades, elas precisam de materiais especiais e de professores experientes no trabalho com problemas da linguagem. O progresso na leitura pode ser lento, e meios alternativos de obtenção de informações (como livros gravados em fita) também devem ser oferecidos, para que possam acompanhar o currículo (SMITH; STRICK, 2007, p.53).

Segundo Oliveira (2020) é possível que os professores enfrentem dificuldades ao descobrir que existe aluno disléxico em sua sala de aula. Dificuldade em planejar as atividades, elaborar instrumentos de avaliações, relutância inicial ou dificuldade para separar o comportamento do aluno disléxico das suas dificuldades, receio em relação às normas burocráticas, aos companheiros de trabalho, aos colegas do aluno disléxico, familiares, etc., angústia em relação ao nível de aprendizado do aluno e às suas condições para enfrentar o ensino, tempo necessário percorrer a sua trajetória pessoal em relação a esta questão. Nesse contexto,

O educador que trabalha afetivamente com um aluno disléxico consegue atuar melhor quando discute com o aluno formas de planejar, registrar e avaliar o estudo, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma. Este dialogo e a construção desta parceria é fundamental para que possamos ter um clima de transparência e confiança entre aluno e educador. Este clima fortalece o processo de aprendizagem nos momentos de devolutiva e discussão sobre como ambos se sentem e como o progresso é sentido (OLIVEIRA, 2020, p. 31).

O autor continua explicando que o professor tem que ser curioso sobre o déficit do seu aluno para entender o que ele está passando e como pode ajudar esse aluno a progredir. O educador tem que agir de forma consciente e reflexiva, em ação conjunta com os familiares, de forma que possam valorizar e reconhecer cada passo dado por esse disléxico.

É de suma importância que o professor esteja preparado para esse aluno que ainda não entendeu o seu “problema”, pois um diagnóstico errado ou falta de preparo do docente pode agravar ainda mais a situação do aluno, levando a falta de interesse em aprender. Oliveira (2020) acrescenta que o aluno com dislexia

Precisa de apoio para enfrentar e superar as barreiras que lhe são impostas diariamente: cada aluno com dislexia tem o seu próprio perfil, talentos e necessidade; todos os alunos são capazes de aprender se tiverem acesso às estratégias de ensino, diferenciações e acomodações necessárias.

3.3 A escola

A escola é um ambiente importante na vida da pessoa que tem dislexia. De acordo com Oliveira (2020, p. 21):

É na escola que a dislexia, de fato, aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas e, sobretudo, valorizadas. Entretanto, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico. Objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação nada têm a ver com ele.

Para que ocorra um enfrentamento deste problema dentro do contexto escolar é necessário que a escola tenha ciência da sua responsabilidade, analisando e observando os alunos que apresentem dificuldades no quesito leitura e/ou escrita. E, ao constatar casos de dislexia orientar o atendimento por profissionais especializados como médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, entre outros, e ao mesmo tempo tomar decisões que denotem a construção de metodologias a favor do aluno com dislexia, favorecendo a superação de barreiras através de estratégias eficazes.

Identificou-se que a dislexia pode se manifestar em diferentes etapas da aprendizagem, em diferentes contextos, nacionalidades e ser explorada no que diz respeito às observações singulares que os sujeitos disléxicos podem trazer para as interações em grupo. Ultrapassadas as estruturas rígidas escolares e com observação e sensibilidade pode-se oferecer uma boa experiência de ensino aprendizagem, dando suportes que estão ao alcance de todos (MARADEI; MAIA; SEABRA, 2020, p.56).

Cabe destacar que criança disléxica tem que estudar em uma escola regular, a instituição tem que se adequar a esse aluno, rever conceitos, atualizar os métodos. A escola deve compreender que é responsável pelo ensinamento, informação e conhecimento para esse aluno, estimulando a aprendizagem, sendo, em grande parte, responsável pelo fracasso ou sucesso do aluno disléxico.

É importante manter a comunidade educativa permanentemente informada a respeito da dislexia. Informações sobre eventos que tratam do assunto e seus resultados, desempenho dos alunos com dislexia, características desse distúrbio de aprendizagem, maneiras de ajudar o aluno disléxico na escola, etc.

Também cabe ressaltar que os estudantes disléxicos devem ser matriculados em escolares regulares. Oliveira (2020, p.23) explica que:

Não é necessário que alunos disléxicos fiquem em classe especial. Alunos disléxicos têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles. Essa troca de humores e de saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer amizade, a cooperação e a solidariedade. É na escola comum que as crianças aprenderão que o ensino a elas ministrado lhes dará condições para uma vida de sucesso dentro e fora da escola. É na escola que a criança é preparada para a sociedade.

É ideal que escola e professores estejam em sintonia para que o aluno tenha segurança. Para isso são necessárias algumas adaptações no contexto escolar, de modo que o aluno possa evoluir no seu processo. De forma geral, na ótica de Smith e Strick (2007, p. 122) “atualmente, sabemos bem que a educação e o apoio ao professor são as chaves para a inclusão bem-sucedida dos estudantes com deficiências em classes comuns”.

A seguir, descrevemos algumas estratégias de inclusão escolar baseadas na Associação Brasileira de Dislexia.

Quadro 7 – Estratégias de inclusão escolar

- ✓ Dar tempo extra para completar as tarefas;
- ✓ Oferecer ao aluno ajuda para fazer suas anotações;
- ✓ Modificar trabalhos e pesquisas, segundo a necessidade do aluno;
- ✓ Esclarecer ou simplificar instruções escritas, sublinhando ou destacado partes importantes para o aluno;
- ✓ Reduzir a quantidade de texto a ser lido;
- ✓ Bloquear estímulos externos (visuais, por exemplo), se o aluno tende a distrair-se com facilidade com os mesmos. Pode-se usar como recursos: cobrir esses estímulos (numa folha ou planilha por exemplo), aumentar o tamanho da fonte e/ou aumentar o espaçamento entre as linhas;
- ✓ Destacar (com caneta apropriada) as informações essenciais em textos e livros, se o aluno tiver dificuldade em encontrá-las sozinho;
- ✓ Proporcionar atividades práticas adicionais, uma vez que os materiais normalmente não as fornecem em número suficiente para crianças com dificuldade de aprendizagem. Tais práticas podem incluir exercícios práticos; jogos instrutivos, atividades de ensino em duplas, programas de computador, etc;
- ✓ Fornecer glossário dos conteúdos e guia para ajudar o aluno a compreender a leitura. Esse último pode ser desenvolvido parágrafo a parágrafo, página a página ou por seção;
- ✓ Usar dispositivo de gravação. Textos, livros, histórias e lições específicas podem ser

gravadas. Assim, o estudante pode reproduzir o áudio para esclarecer dúvidas. O aluno pode, ainda, escutar e acompanhar as palavras impressas e, assim, pode melhorar sua habilidade de leitura.

Fonte: Associação Brasileira de Dislexia

Sabemos que a escola é um dos principais ambientes para o desenvolvimento cognitivo de uma criança. Nesse sentido, é um ambiente responsável para criar estratégias de aprendizagem e adaptações necessárias para o dislético, buscando atender suas necessidades. A tríade entre coordenação, professor e aluno tem que funcionar corretamente, buscando atender a necessidade do estudante.

Ressaltamos que as escolhas das adaptações têm que ser feitas pelo corpo docente em conjunto com a coordenação pedagógico, analisando cuidadosamente a necessidade do aluno. O professor deve estar sempre atento à necessidade do estudante, para que com as adaptações o aluno comece a ter autonomia e supere suas dificuldades. Promovendo assim, a educação inclusiva.

A inclusão escolar é embasada na legislação brasileira, assegurando e garantindo o direito de todos de frequentar a sala de aula e receber educação de qualidade. Infelizmente, ainda não existe um projeto específico que assegure as especificidades do aluno dislético.

O acesso à educação especial no Brasil assegura o aluno a frequentar uma sala de aula regular, fazendo adaptações necessárias para as suas necessidades sejam atendidas. A Constituição Federal defende os direitos humanos e a educação inclusiva. Em seu Artigo 205 prever:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.123).

Além disso, prever em seu Artigo 206, inciso I, que o ensino seja ministrado com base no princípio da: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”(BRASIL, 1988, p.123). Também prever no inciso III do Art. 208o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988, p.123). Apesar da Constituição Federal não mencionar especificamente o transtorno de dislexia, faz

menção a tipos específicos de necessidades educacionais, isso inclui-se, portanto, os disléxicos.

Outra lei que reforça a necessidade de uma educação especializada, fazendo menção à inclusão é o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), que afirma:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

- I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - Direito de ser respeitado por seus educadores;
- III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV - Direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V - Acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica (BRASIL, 1990, on-line).

Consta também em seu artigo 54 que é dever do Estado assegurar às crianças e adolescentes:

- I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- II - Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
- III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; (BRASIL, 1990, on-line).

Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) no Art. 2º afirma que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, on-line).

Prever em seu Art. 3º que ensino será ministrado com base em alguns princípios. Cabe destacar os seguintes: “I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e “II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1996, on-line).

A LDBEN considera que deve ser matriculado na educação especial o aluno tem dificuldade acentuada de aprendizagem ou algumas limitações que atrapalhe seu desenvolvimento nas atividades curriculares. Entende-se que se o aluno que for diagnosticado com alguma necessidade especial terá direito ao apoio especializado

oferecido pela escola. Em seu art. 59 é garantido aos alunos público-alvo da educação é garantido:

- I - Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- II - Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
- III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
- IV - Educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;
- V - Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (BRASIL, 1996, on-line).

Outra lei nacional que mostra a importância da educação inclusiva, mesmo não sendo direcionada exatamente ao disléxico, é a Lei Brasileira de Inclusão (LBI). Cabe destacar:

- Art. 2º. Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.
- §1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: (...)
- II - Os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
 - III - A limitação no desempenho de atividades;
 - IV - A restrição de participação. (BRASIL, 2015, on-line).

Entende-se que objetivo maior é garantir que todas crianças que possuam dificuldade de aprendizagem estejam matriculadas e incluídas em qualquer escola comum, seja ela pública ou privada, sendo a eles garantido o atendimento educacional especializado de que necessitem.

4 DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA DO ALUNO DISLÉXICO

É na alfabetização que podemos ver a dislexia como realmente ela é, a criança começa a apresentar as dificuldades em reconhecer, decodificar, reproduzir, identificar e organizar os sons das letras, demonstrando sua dificuldade de compreensão.

4.1 Alfabetização do dislético

O processo de alfabetização tem grande importância quando se pensa a escolarização das crianças. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2017, p.59).

Ainda de acordo com a BNCC no processo de alfabetização

É preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras). (BRASIL, 2017, p.89).

Lembremos que a dislexia é identificada pela sua dificuldade de decodificação de letras e sons, e isso faz com que comprometa a sua capacidade de leitura e escrita. Essa dificuldade se caracteriza frequentemente no início da alfabetização. Para Nico e Simi (2016 apud MARADEI; MAIA; SEABRA, 2020, p.51):

A dislexia não está relacionada com inteligência, mas com a dificuldade de decodificação dos códigos de linguagem. Uma disfunção estrutural neural específica, de um módulo independente, o que impede o processamento adequado das informações.

Por sua vez, Santos e Capellini (2020, p. 06) acrescentam que:

A dislexia refere-se a diferenças e falhas nos processos cognitivos e nos processamentos fonológico e/ou visual, frequentemente caracterizados pelas dificuldades apresentadas no início da alfabetização que comprometem a aquisição da leitura, da escrita e da ortografia.

Se para os alunos que não têm déficit nenhum ler e escrever parece ser uma tarefa difícil, imagine para os alunos disléxicos, onde o erro é persistente. Essa decodificação visual e sonora é um grande desafio pois, os alunos com essa dificuldade de aprendizagem podem confundir as letras ou signos gráficos como já demonstramos.

Ainda na visão da BNCC:

Dominar o sistema de escrita do português do Brasil não é uma tarefa tão simples: trata-se de um processo de construção de habilidades e capacidades de análise e de transcodificação linguística. Um dos fatos que frequentemente se esquece é que estamos tratando de uma nova forma ou modo (gráfico) de representar o português do Brasil. (BRASIL, 2017, p.90).

O trabalho da consciência fonológica é fundamental para todas as crianças durante a alfabetização, não somente para aquelas com dificuldade de aprendizagem. É preciso estimular a criança para que percebam as diferenças dos sons e aos poucos vá associando as letras. Nesse sentido, BNCC afirma que:

Alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante, para isso é preciso conhecer relações fono-ortográficas, isto é, as, relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significar, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (BRASIL, 2017, p.90).

Smith e Strick (2007, p.36) ressaltam que:

As crianças com dificuldades de aprendizagem comumente estão lutando em uma ou mais de quatro áreas básicas que evitam o processamento adequado de informações: *atenção, percepção visual, processamento da linguagem* ou *coordenação muscular*. Até mesmo leves fraquezas nessas áreas podem criar grandes obstáculos à aprendizagem e à comunicação em salas de aula tradicionais.

As crianças com dislexias têm dificuldade de percepção visual, não conseguem copiar pelo quadro-negro, muitas vezes pulam palavras ou letras, copiam as palavras erradas, trocam as ordens das palavras, das letras. Além disso,

não trabalham bem com tarefas ditadas uma vez que algumas letras têm sons semelhantes, e no momento em que as palavras estão sendo ditadas ocorrem erros pois, como já foi relatado anteriormente, os disléxicos têm dificuldades em distinguir os sons das letras.

Hudson (2019) explica que as crianças disléxicas não conseguem copiar precisamente as informações expressas no quadro negro, normalmente copiam a ortografia incorretamente ou pulam palavras e letras.

O aluno leva mais tempo para responder perguntas verbalmente ou por escrito. Às vezes isso se deve ao fato de ter que transformar a informação mentalmente em imagem antes que ela possa se decodificada e trabalhada. Pode entrar em pânico sob pressão e a mente “dar branco” mesmo com algo que conheça bem (HUDSON, 2019, p.31).

Um dos métodos mais importante para alfabetização de disléxicos é o método multissensorial. Esse método buscar combinar diferentes sensores no ensino da linguagem escrita, visa unir as modalidades visual, auditiva, tátil e cenestésicas com o objetivo de facilitar a leitura e a escrita quando se estabelece ligação com os sensores.

Segundo a ABD as crianças disléxicas, em razão da deficiência fonológica, têm dificuldades para reconhecer palavras. Dessa forma, o uso do *método multissensorial* pode auxiliar

Diretamente para suprir essa dificuldade, pois propicia um ensino sistemático e explícito sobre como as letras se relacionam com os sons, a segmentação das palavras, identificação de sílabas; as pistas estão na própria palavra e não no contexto. Após algum tempo a criança terá elementos suficientes para analisar e identificar novas palavras que lhe são apresentadas (ABD, on-line).

Um dos métodos multissensoriais que ajuda as crianças dislexias é o *método das boquinhinhas*. Consiste num esse método que se utiliza estratégias fônicas (fonema/som) e visuais (grafemas/ letras).

O método das boquinhinhas foi desenvolvido para atender crianças com dificuldade de aprendizagem e,

Reúne reflexões sobre o som, observação da articulação orofacial, exercícios de traçado com dedos sob diferentes superfícies, entre outras propostas de caráter lúdico, com a finalidade de promover o desenvolvimento do processamento fonológico (MARADEI; MAIA; SEABRA (2020, p. 12)

Compreendemos que o sucesso da aprendizagem dos alunos disléxicos está baseado em aprender pelo uso de todos os sentidos, fazendo principalmente a combinação entre visão, audição e o tato.

4.2 Leitura e escrita do aluno disléxico

Os alunos com dislexia normalmente apresentam baixo desempenho na leitura e na escrita. Ambas as atividades se apresentam desorganizadas e confusas. Os disléxicos têm dificuldade de se expressar claramente e de organizar suas ideias principalmente de forma escrita. Este é grande um desafio. Além disso, “muitos jovens com deficiências de processamento da linguagem também falam de um modo confuso. Às vezes, seus cérebros têm problemas para organizar sequências nos sons que ouvem, de modo que pronunciam mal as palavras” (SMITH; STRICK, 2007, p. 48).

As crianças que possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita aprendem conforme os outros alunos, porém são mais lentas. Portanto, todas as crianças aprendem a ler e escrever basicamente da mesma forma, mas alguns conseguem vencer a batalha das dificuldades de aprendizagem com maior facilidade do que as outras.

Muitas vezes as lições têm instruções difíceis e os disléxicos não conseguem ler e muitos menos compreender, e por essa dificuldade fazem um esforço imenso para tentar entender o que está pedindo a lição. Oliveira (2020) explica que é necessário que o professor leia o enunciado para o aluno, para que agilize a compreensão do que está sendo solicitado.

Quando uma criança apresenta alguma dificuldade de aprendizagem na leitura e/ou na escrita, nem sempre os pais ou os professores possuem informações suficientes e adequadas para entender e enfrentar o processo. Assim, os pais ou responsáveis terminam por cobrar das escolas respostas e resultados, e a escola, por sua vez, acusa os pais ou os responsáveis de negligência. Com este tipo de atitude e sem a preparação adequada, a escola passa a ser um lugar de muitas frustrações para os alunos.

Essa dificuldade, infelizmente, pode condenar o aluno ao insucesso escolar se não tiver apoio necessário e específico. Smith e Strick (2007) explicam que pesquisas demonstram que adolescentes com dificuldades de aprendizagem

apresentam taxas mais altas de fracasso para concluir a escolarização. Complementam que:

Contudo, pessoas jovens cujas deficiências são muito graves, talvez nunca progredem muito além do “nível de sobrevivência” na leitura e na escrita. É muito importante que esses estudantes encontrem modos alternativos de aprender comunicar-se, de modo a poderem desenvolver seus outros recursos e talentos. Se permanecem motivados, a dificuldade com a leitura e a escrita não impedirá de conquista seus objetivos. (SMITH; STRICK, 2007, p. 53).

Ler e escrever são as habilidades necessárias para a cidadania, para o indivíduo participar socialmente do mundo, ter acessos a informações que são transmitidas em diversas formas. A leitura, portanto, é o domínio da linguagem e é considerada o instrumento do conhecimento, que contribui para melhor desenvolvimento e realização pessoal, é muito importante para autonomia. De acordo com a Base Nacional Curricular Comum:

Aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2017, p.63).

No processo educativo, especificamente por meio da leitura e da escrita, a criança começa a se apropriar da língua escrita, é um processo de construção. Não é simplesmente ler e escrever, é entender, compreender o que se escreveu. Na leitura e na escrita é necessário que se construa significados, é importante que o professor relacione o ensino da leitura e escrita com a vivência da criança, com sua história e com seu dia a dia.

Quando criança está aprendendo a ler e a escrever é necessário ter olhares em diferentes direções, pois é importante que se olhe o que a criança aprendeu e não o tempo que se levou para aprender. Nesse sentido, a Base Nacional Curricular Comum afirma que:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BRASIL, 2017, p. 59).

Hudson (2019) propõe algumas ferramentas que podem ajudar na leitura dessas crianças dislexias tanto em sala de aula como em casa.

Os alunos podem usar marcadores coloridos para destacar palavras chaves a ler perguntas ou instruções. Isso é muito importante nas provas quando o nervosismo contribuir para probabilidade de erros disléxicos.

Ao realizar uma leitura, ajuda se o aluno usar uma régua para marcar o ponto em que está. É possível adquirir réguas de leitura, que possuem uma pequena janela para ler. Isso ajudar pular linhas.

Usar lâminas transparentes coloridas auxilia alguns alunos.

O fundo, a cor e o tamanho da fonte na tela do computador podem ser ajustados, conformes a necessidade.

Os alunos devem ler livros com histórias com ritmo ágil, impressão clara e maior, ilustrações e descrição não muito telhada.

Ouvir audiolivro de obras literárias proporcionará aos alunos uma visão geral, além disso, os alunos devem tentar obter uma cópia do livro, preferencialmente com uma impressão maior, para ler

Também (HUDSON, 2019, p.46).

O autor dá orientações que podem ajudar na ortografia do disléxico. O professor pode criar uma lista de grafia fundamentadas para cada tópico, elaborar um vocabulário ou glossário, usar cores para animar a lista de vocabulário, usar uma cor para substantivo e outra cor para verbo, isso pode ajudar a criança disléxica a lembrar das palavras que escrever.

Hudson (2019) ainda acrescenta que muitas atitudes dos professores podem ajudar aos alunos disléxico, como por exemplos: evitar ditados de palavras, porém se tiver que ditar não pode ser rápido demais, quando escrever no quadro negro usar cores variadas para que haja menos probabilidade de que os alunos disléxicos pulem linhas, usar caligrafia legíveis, grande e fácil de ler. Provavelmente com essas atitudes muitas crianças disléxicas vão se sentir mais seguras em sala de aula.

Os disléxicos necessitam de diferentes formas para ser alfabetizados. Para ler e escrever eles precisam de materiais concretos, ouvir sons repetidamente (por exemplo uma determinada aula, para que possa entender os conteúdos), precisa gravar e ouvir repetidamente para poder aprender.

4.3 Compreensão da Leitura do aluno disléxico

A leitura não se reduz apenas em decodificação das palavras, significa compreender o que se diz em um determinado texto. Compreender é entender o conteúdo, o objetivo do texto. Ler e não compreender o que compõem um texto são uma dificuldade de aprendizagem.

De acordo com Smith e Strick (2007, p. 52)

Os estudantes com grave problemas de compreensão mostram, ocasionalmente evidências de outras fraquezas no cérebro esquerdo, como dificuldade para arranjar fatos ideias em sequencias logicas. As pesquisas que exploram a base de problemas de processamento de sons, que produzem as deficiências de leitura mais serias têm-se focalizado, recentemente, em algumas outras estruturas cerebrais, em especial no tálamo e no córtex pré-frontal. O tálamo distribui informações dos ouvidos, dos olhos e dos outros órgãos sensórios para diferentes áreas do córtex. O pré-frontal apenas recentemente foi associado a deficiência de leitura, e o papel que exerce no processamento da fala/ dos sons ainda está sob investigação.

As crianças com dislexia podem apresentar vários erros na leitura oral, por exemplo, podem cometer omissões, substituições ou distorções de letras, acrescentar letras nas palavras ou em frases. Os disléxicos podem apresentar déficits na compreensão da leitura e não recordar o que foi lido. Os alunos “tem dificuldade de compreensão de texto por escrito, muitas vezes devido à leitura errônea das palavras, ou por deixar passar palavras fundamentais no texto” (HUDSON, 2019, p. 28).

O autor continua explicando e acrescenta que:

Os alunos com dislexia podem ter uma memória de curto prazo ruim. Como eles necessitam de algo para fixar os fatos a fim de retê-los na memória de logo prazo, a aprendizagem será mais demorada e mais difícil do que a maioria outros dos alunos. (HUDSON, 2019, p. 45).

Por sua vez, A BNCC cita que:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2017, p.72).

Hudson (2019) explica que a pessoa com dislexia precisa de livros com ilustrações e com muitas descrições detalhadas. O autor orienta sobre algumas técnicas, por exemplo: o aluno pode fazer gravações de voz do texto que foi lido por ele mesmo; ler em voz alta; podem trabalhar com um amigo e fazer perguntas sobre o texto, podem ensinar um ao outro ou fazer desenhos do texto que foi lido.

Na BNCC

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2017, p.71).

A compreensão dos disléxicos não se reduz apenas em texto, a criança com dislexia tem dificuldade de compreender um mapa ou um gráfico, por exemplo, pois tem dificuldade espacial e temporal.

O disléxico pode apresentar diversos outros meios de se expressar, usando todos os sentidos para compreender o ambiente, ou se mostrando mais sensíveis a outros detalhes do mundo não verbal, através da maior capacidade criativa e curiosidade aguçada. A experiência de processos coletivos e significante na construção do conhecimento e para elaboração de novas estratégias de autoconhecimento. (MARADEI; MAIA; SEABRA, 2020, p.51).

É improvável que alunos com dislexia sejam capazes de processar ou compreender as informações ao mesmo tempo que estão copiando do quadro-negro ou ouvido um ditado. (HUDSON, 2019).

Vale ressaltar que os alunos disléxicos precisam de muito estímulo, de paciência e de elogio para que se sintam capazes de fazer coisas que são difíceis para eles, como ler e escrever. Para ajudar os alunos disléxicos na compreensão é preciso usar de linguagem clara, simples, direta e objetiva. “O indivíduo com dislexia processa informações de forma diferente dos outros. Eles tendem a pensar mais em imagens do que em palavras e fazem conexões laterais rápidas” (SCHNEP, 2014 apud HUDSON, 2019, p. 27).

Como já foi relatado os métodos e os conteúdos multissensoriais são mecanismo que podem ser aplicados pelos professores com objetivo de melhorar a compreensão do aluno disléxico. Além disso, são artifícios que podem ajudar muito na interação, promovendo um ambiente acolhedor para essas crianças disléxicas.

Uma abordagem multissensorial à educação pode ser ainda melhor para muitos. Um aluno de primeira série que enfrentou dificuldades para reconhecer as letras, por exemplo, pode ser capaz de aprendê-las pronunciando-as em voz alta, ao traçá-las na areia ou recortá-las em papel colorido. Um aluno de Ensino Médio que retém pouco do que lê pode beneficiar-se da criação de gráficos, de listas e de outros “organizadores gráficos” e/ou da formação de um grupo de estudos para discutir aspectos

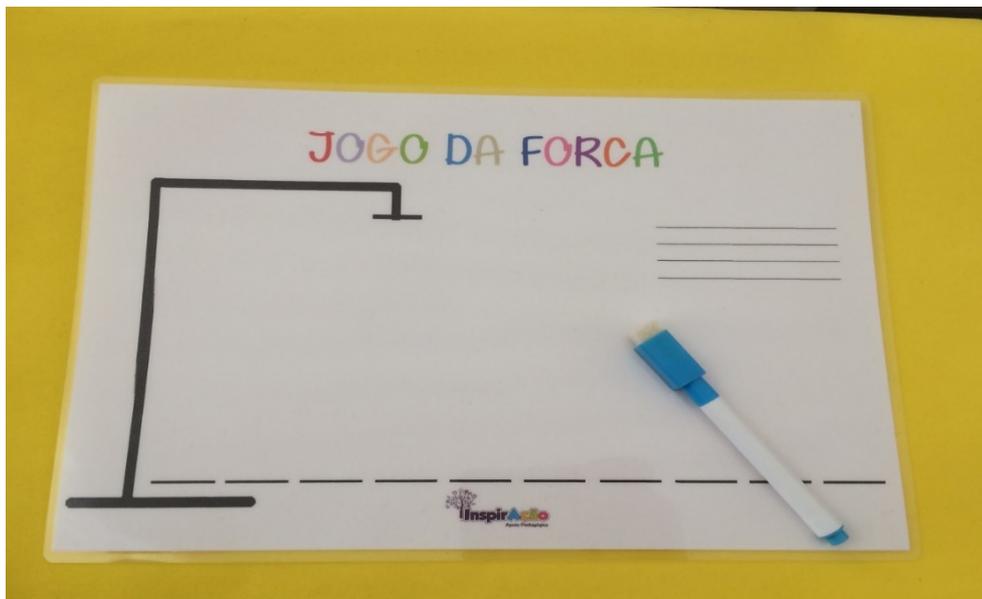
do texto. Muitos bons professores usam técnicas multissensoriais na classe (especialmente nas séries mais iniciais), e educadores especiais, às vezes, usam currículos multissensoriais especiais para ensinar leitura e matemática. Entretanto, mesmo quando os professores são bitolados em seus métodos, os alunos podem aprender a variar suas próprias abordagens às tarefas escolares, acrescentando diferentes dimensões sensoriais. (SMITH; STRICK, 2010, p. 161).

A seguir Maradei, Maia e Seabra (2020) apresentam algumas sugestões de atividade multissensoriais para ajudar os disléxicos na compreensão. São atividades simples, mas que podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem, promovendo autoconhecimento, construções coletivas e valorização de saberes.

Figura 1- Jogo da força temático

1ª Atividade - Jogo da força temático

Jogo da força temático A partir de uma atividade de mediação de leitura de literatura infanto juvenil, selecione palavras evidenciadas na história, que possam facilmente ser lembradas pelas crianças, organize a turma bem à vontade pela sala e construa com eles em papel A4 e hidrocor, como na ilustração abaixo, com a quantidade correspondente de letra da palavra escolhida.



O jogo evidencia letra por letra, facilitando sua identificação individual, assim como contribui para o desenvolvimento de habilidades, criatividade, observação e participação dos alunos.

Fonte: MARADEI; MAIA; SEABRA (2020, p. 53)

Figura 2 - Produção de plaquinhas com identificação de sentimentos

2ª Atividade: Produção de plaquinhas com identificação de sentimentos

Produção de plaquinhas com identificação de sentimentos A criação de plaquinhas com emoções pode auxiliar na identificação da escrita das palavras e a ajudar as crianças a identificarem seus estados de humor e seus sentimentos. Podendo ser utilizada diariamente pelos alunos, não apenas em brincadeiras específicas relativas à dislexia.

Plaquinhas de emoções



As próprias crianças poderão construir as plaquinhas com a orientação da professora e em seguida escrever sobre cada emoção sentida pela carinha.

Fonte: MARADEI; MAIA; SEABRA (2020, p. 54)

Figura 3 - Caça-palavras silábicos com materiais recicláveis

3ª Atividade: Caça-palavras silábicos com materiais recicláveis

Caça-palavras silábicos com materiais recicláveis os materiais utilizados para construção da atividade foram: caixa de 30 avos vazia, elástico ou retalhos de malha, cola branca, cartolina, tesoura, tinta guache e pincel). A atividade de produção de caça-palavras em sala de aula proporciona aos alunos uma experiência integrativa que passa pelo brincar, pelo processo criativo chegando ao intuito de aproximação e familiarização com as palavras e suas organizações silábicas. A escolha das palavras deve ser feita a partir de uma temática de interesse dos alunos, que os estimule a se conectar com a brincadeira, permitindo menores chances de resistência por lidar com algo que esbarre em suas dificuldades.

Figura 03: Caça-palavras



Para preparar o material acima, deve-se selecionar as palavras e escrevê-las em cartolina com letras de aproximadamente 1,5 cm, depois recortá-las por sílabas que dever ser coladas em cada uma das pontas de junção da caixa de ovos. Observas palavra com uso das mesmas sílabas para fazer o cruzamento das palavras na horizontal, diagonal ou vertical. Acrescente sílabas aleatórias, que não formem uma palavra específica, para completar as pontas que não foram ocupadas. O elástico de retalhos de malha deve envolver as sílabas que formam uma palavra. Os alunos podem trocar os seus caça-

palavras produzidos e compartilhar palavras encontradas escrevendo-as no quadro ou em um papel.

Fonte: MARADEI; MAIA; SEABRA (2020, p. 55)

Hudson (2019, p. 41) cita algumas estratégias que o professor pode usar para ajudar na compreensão do aluno ao explicar algum conteúdo em sala de aula. O autor orienta os docentes:

Leia os exemplos em voz alta e escreva também no quadro-negro, forneça uma lista de vocabulário com significado das palavras, analise um exemplo para classe mostrando um esboço e todas as etapas da evolução, ensine com recursos visuais e de forma multissensorial (HUDSON, 2019, p. 41).

Ainda nesse contexto o autor acrescenta que o aluno com dislexia demora mais tempo para ler um texto, pode não ser capaz de processar o conteúdo ao mesmo tempo em que lê, a precisão da leitura pode ser ruim, portanto, é importante incentivá-lo a ler as instruções lentamente. O aluno disléxico precisa compreender exatamente os exercícios dado pelo professor em sala de aula, sendo assim capaz de responder de uma forma coerente.

Compreendemos, portanto, como é significativo o incentivo à leitura. O ato de ler é importante pois contribui para o desenvolvimento intelectual da pessoa. Dessa forma, é necessário que o disléxico sinta prazer de ler, pois só assim os pais e os professores vão conquistar e motivar seus filhos a realizar as atividades sem que essas se tornem um peso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado visa uma reflexão e maior entendimento sobre as suas características, os sintomas e o tratamento da dislexia. A pesquisa oferece um olhar mais abrangente sobre pessoas com dislexia que recebem muitas vezes diagnósticos errôneos, fazendo com que se dificulte as intervenções pedagógicas adequadas, levando esse aluno ao desgaste emocional e psicológico e, em muitos casos, à evasão escolar. Pessoas com dislexia podem estar presente em qualquer escola, por isso é de suma importante que os docentes estejam preparados para lidar com essas crianças.

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que se caracteriza por sua dificuldade de leitura e escrita. É de suma importância que os responsáveis e educadores tenham conhecimento a respeito desse transtorno para poder intervir de maneira correta, auxiliando o disléxico, com compreensão, paciência e dedicação. Quanto mais cedo for realizado o diagnóstico melhor será o desenvolvimento escolar.

Concluo, portanto, que a dislexia não é uma doença, portanto não tem cura. É um distúrbio de aprendizagem, em que os disléxicos precisam do apoio dos pais, dos educadores e da escola para melhor se desenvolver. Pessoas com dislexia têm suas limitações, mais com respeito e educação adequada conseguem superar. Dessa forma, cabe aos educadores e pais valorizarem os acertos, incentivar a criatividade, ressaltando suas qualidades.

Os disléxicos precisam se sentir seguros, porque sabem que têm um desempenho diferente. Então, é necessário evitar comparações, pois cada criança tem sua maneira específica de aprender. E a dislexia é uma dificuldade e não uma impossibilidade.

É fundamental que os pais, professores e escola estejam juntos na educação dessa criança, procurando a melhor maneira de alfabetizá-la, com métodos adequados o disléxico alcançará seus objetivos.

Cabe também ressaltar que a criança com dislexia tende a possuir problemas emocionais, por isso é muito importante que seja motivada para o desempenho de certas atividades, ela pode se incomodar com certas atividades porque se sente incapaz de realizar e acaba frustrada, com sua autoestima comprometida.

É necessário que chamar atenção para realidade das crianças com dificuldade de aprendizagem no contexto da educação inclusiva. A criança disléxica é capaz de aprender em uma sala de aula regular, quando a ela for garantida as condições de aprender. Assim, a metodologia de alfabetização precisa de estratégias, de recursos apropriados e de uma ação em conjunta da escola e da família.

Para o processo de alfabetização sabemos que não há uma metodologia única, pois, cada criança aprende de maneira diferente. No processo de alfabetização várias metodologias têm se mostrado eficazes e efetivas, porém se não aplicadas de maneira adequada pode retardar o aprendizado do aluno, favorecendo para a dificuldades de aprendizagem.

Portanto, cabe a cada educador saber o real diagnóstico da criança para aplicar a metodologia adequada a esse indivíduo. Pois, sabemos que alfabetização é um fenômeno cultural, que envolve práticas sociais e tornam possível o exercício da cidadania.

6 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em:<http://www.dislexia.org.Br>>. Acesso em 05 de jan. 2020

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA. Disponível em:
<https://www.andislexia.org.br/>. Acesso em 02 de março de 2021

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 21 de abr. 2020.

_____. LEI Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, 1990. Disponível em: [http:// planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8069.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8069.htm).>Acesso em 21 de abr. 2020.

_____. LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 21 de abr. 2020.

_____. LEI Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Brasília, 2015. Disponível em:
[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em 21 de abr. 2020.

_____. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação, Brasília, 2017.
Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 22 de dez. 2020.

FERREIRA, E. B.; FERREIRA J. T. C.; ALVES, A. C. **Dislexia e educação: deveres e dilemas.** Termo de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação São Luis. Disponível em:
http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364#:~:text=As%20dificuldades%20na%20aprendizagem%20trazidas,a%20sua%20realidade%20e%20necessidades.

HUDSON, Diana **Dificuldades específicas de aprendizagem:** ideias praticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de asperger, TOC. Pretrópolis/Rj: Vozes, 2019.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-5. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARADEI, A. P. P. C.; MAIA, G. S. A.; SEABRA M. A. B. Dislexia: das dificuldades ao desenvolvimento de potencialidades. In: SEABRA M. A. B. (org.). **Distúrbios e transtornos de aprendizagem:** aspectos teóricos, metodológicos e educacionais. Curitiba, PR: Bagai, 2020. p.49-57.

MELLO, Adriana Cordeiro Leão. **DISLEXIA: Métodos e Técnicas para auxiliar o aluno disléxico no Contexto Escolar.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2018. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6872/1/DM_Adriana%20Mello.pdf. Acesso em 12 de jan. 2020.

OLIVEIRA, P.; ZUTIÃO, P.; MAHL, E. Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum. In: SEABRA M. A. B. (org.). **Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais.** Curitiba, PR: Bagai, 2020. p.8-19.

OLIVEIRA, S. **Dislexia TDAH amor de mãe.** Ribeirão Preto: ed. do Autor, 2020.

SANTOS, B. CAPELINNI, S. A. Programa de remediação como a nomeação rápida e leitura para escolares com dislexia: elaboração e significância clínica. **CODAS**. vol.32, n.3, junho 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/codas/v32n3/2317-1782-codas-32-03-e20180127.pdf>. Acesso em 14 de jan. 2021.

SILVA, N. S. M.; CRENITTE, P. A. P. Perfil linguístico, familiar e de gênero de escolares com diagnósticos de dislexia de uma clínica escola. **Rev. CEFAC**, maio de 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n2/1982-0216-rcefac-16-2-0463.pdf>. Acesso em 12 de jan. 2020.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: Um guia completo para pais e educadores.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

SIGNOR, R. Dislexia: uma análise histórica e socia. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 4, Belo Horizonte, 2015, p. 971-999
Disponível em: [scielo.br/pdf/rbla/v15n4/1984-6398-rbla-15-04-00971.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n4/1984-6398-rbla-15-04-00971.pdf). Acesso em 12 de jan. 2020.